Trinta anos de actividade artística não só permitem como exigem um balanço. Este é aqui feito por um crítico que, embora conhecendo de longa data o artista, ensaia mais a comunicar, temperada e moderadamente, as ansiedades, se não os sonhos que o mistério desta pintura nele provocam, e não tanto seguir exteriormente a carreira, com os seus sucessos e fracassos públicos, premiações e adiamentos, numa objectiva seriação.(...)

(...) A auto-consciência do Guilherme Parente, amadurecida ao longo da realização e da reflexão, permite a ele próprio — e a nós com ele — retomar por vezes o que anteriormente se esboçara, modificar mesmo a construção comunicativa que a um balbúcio se oferecera, como incauta solução provisória.(...)

(...) Na própria realização encontram-se as soluções adequadas e revela-se o imprevisível. Paul Klee dizia que a «a pintura não reproduz o visível, torna visível». E o filósofo Alain aconselhava aos escritores e aos artistas : «Pensa na tua obra, sem dúvida. Mas só se pensa naquilo que existe. Portanto, realiza a tua obra».

 Penso que a obra de Guilherme Parente gira em torno de um centro. Ele deve ser, quanto a mim, procurado na crença da existência de uma sageza natural que em cada momento permite ao homem interpretar edenicamente o mundo.

Há nisto uma ingenuidade perigosa? Pois há! É um risco poético. É uma ingenuidade que Almada Negreiros sublinhava ter como significado o nascimento livre.

O poeta, tal como o considero, pensando em Guilherme Parente, é o homem que renasce continuamente. Que os psicanalistas encontrem , ora na criança, ora no velho, o símbolo da sabedoria superadora dos conflitos da vida interior, é um facto que só vem confirmar aquela sageza, como igualmente o fazem, quando revelam o benefício da simbologia da árvore.(...)

(...) As obras realizadas entre 1962 e 1968 por Guilherme Parente caracterizam-se por incursões no abstraccionismo, compartimentando a superfície do suporte com linhas rectas, (verticais, horizontais e diagonais). A partir destas linhas, sugeria planos transparentes, tratados com variados graus de luminosidade, construindo espaços puros. No final deste período, começou a realizar gravuras dignas de nota, consequência dos cursos que seguiu na Sociedade Copoerativa de Gravdores Portugueses. No polémico «Salão M-67» (S.N.B.A., Janeiro de 1968), eu próprio, como membro do júri, me bati com êxito para que não deixasse de ser mostrada a gravura (informalista) do desconhecido Guilherme. Foi a única gravura presente nesse certame. Para o artista, ela marca talvez, o início de uma actividade centrada durante alguns anos nesta modalidade. Efectivamente, os anos 1968-1970 foram ocupados pela aprendizagem, a nível superior, da arte de gravar, como bolseiro da Fundação Gulbenkian, na Slade School, em Londres. Na capital britânica teve a oportunidade de contactar com Bartolomeu Cid. A visita a museus sugeriu alguns motivos para as suas gravuras de então. Nelas se notam utilizações de figuras concebidas por Piero della Francesca (nomeadamente o «Baptismo de Cristo») e por Rembrandt («Velho Filósofo»).

Nas gravuras de 1968-1970 aparece a fragmentação do espaço, não para sugerir narrativas, mas para explorar simetrias. Uma luminosidade fantasmagórica surge nas gravuras em que predomina o cinzento.

A cor, tanto nas gravuras, com, a seguir, nas pinturas, irá afastar toda a terribilidade. Algumas linhas de contorno introduzem, também um elemento contrário ao terror fantástico. São linhas fortemente marcadas, redondas, definindo objectos orgânicos fantasiosos, mais cómicos do que agressivos, de tamanho exageradamente grande em relação às paisagens onde aparecem. Não há sátira, nem ironia, mas humor.

E o fantástico começa a desaparecer em favor do maravilhoso...(...)

(...) Nestes anos, em confronto com as vantagens internacionais, Guilherme Parente vem com o seu lirismo acrescentar uma dimensão «metafísica» a um neo-figurativismo quase «pop». Mas não há nele gigantismo americanóide nem terrificante insolitismo. O pintor é um tranquilo receptador das imagens alucinantes, e funde os opostos conceitos numa experiência íntima, em que participa inteiro.

A sensualidade desempenha uma função importante nesta experiência.,

A materialidade dos pigmentos tem por si mesma uma presença desejada.(...)

(...) Nesta agitação fluídica, a referência a um barco reduz-se ao triângulo da vela, e a forma geométrica é arrastada na vertigem das pinceladas e outras marcas informes. O mesmo acontece com as asas dos pássaros em voo.

Novos signos e símbolos oníricos juntam-se aos anteriores. A vitalidade libertada não vem provocar conflitos. Aí está o prodígio.

Desde 1970, víramos que Guilherme Parente aprendera a lidar com a gestação de símbolos a partir da controlada acção com a gestação de símbolos a partir da controlada acção com os elementos puros da linguagem.

 Variações mínimas das linhas verticais, por exemplo — aquelas onde indicáramos a sensualidade e a ondulação —, logo determinavam objectos diferentes: colunas, montanhas, árvores, tendas, fumo...

O mesmo acontece, agora, em que a fusão dos elementos se evidencia. É que esta fusão, brincada, faz corpo com a experiência adquirida, quer ao nível do conteúdo simbólico.

 O magma é, para este pintor, psiquicamente transparente.(...)

(...) Em suma, a mensagem da obra de Parente é aquela que o ajuda a ele próprio a encontrar a sua plenitude vivencial e convivencial: prazer sem agressão, humor sem sátira, festa sem perseguição.

Como aconselham os psicanalistas junguianos, a nossa atitude deve ser como a da árvore: não se aborrece quando o seu crescimento é obstruído por alguma pedra, nem faz planos para vencer os obstáculos. Tenta simplesmente sentir se deve crescer mais para a esquerda ou mais para a direita, em direcção à encosta ou afastada dela. «Tal como a árvore, deve-mos entregar-nos a este impulso quase imperceptível e, no entanto, poderosamente dominador — um impulso que vem do nosso anseio por uma auto-realização criadora e única. É um processo no qual é necessário, repetidamente, buscar e encontrar algo ainda não conhecido por ninguém. Os sinais orientadores ou impulsos vêm não do "ego", mas da totalidade da psique: o "self" (Marie-Louise von Franz).

 A aventura poética de Guilherme Parente é autêntica e prometedora. Há nela abertura para novas dimensões da imaginação, porque há «rêverie» e não há fanatismo. E há encontro, porque há esencialidade.

RUI MÁRIO GONÇALVES

in livro "GUILHERME PARENTE" — Edição Cosmos — 1990

Pelos conceitos de subjectividade passaram muitas estéticas e, não menos, teorias do conhecimento. Ao confrontar-se, no início dos anos oitenta, com os trabalhos de Guilherme Parente, foi esse o conceito, entendido como um todo coerente, na expressão feliz de Rui Mário Gonçalves, que mais se me evidenciou. Não deixará de ser confortante (re)descobrir, agora, a sua obra.

O Presidente da Câmara Municipal

 Manuel Alfredo Aguiar de Carvalho